

aproximada entre as diferentes áreas no desenvolvimento do projeto. Trabalhar de maneira coesa, adotando uma postura flexível, pode também favorecer o gerenciamento e possíveis soluções de conflitos resultantes dessa interação.

Assim, a intenção dos designers em tomar parte de desenvolvimentos e pesquisas futuras por meio da estruturação de uma equipe de pesquisa em design avançado ou um laboratório de inovação, indica que a materialização desse centro/laboratório, dentro dos estúdios de design, pode fomentar uma prática profissional diferenciada e mais próxima à realidade do usuário e às mudanças de projeto demandadas pelos mesmos.

Nesse cenário, é também competência dos designers manter uma postura profissional a qual reflita em uma prática transformadora e favoreça com que o campo do design adquira o reconhecimento necessário, não desempenhando uma atuação passiva, sendo permeado pelas demais áreas – como ocorre atualmente – mas também permeando as demais, estabelecendo trocas constantes, com vistas a expandir seu alcance e sua atuação, como destaca Dahlstrom apud Silva [11]:

“O designer também deve almejar influir mais na engenharia do processo de desenvolvimento de novas tecnologias e novos materiais. Historicamente, novos materiais e técnicas têm um efeito direto na evolução da área; a utilização de conhecimentos e tecnologias características de outras áreas é um dos aspectos clássicos da interdisciplinaridade do design. No futuro, o design passará a fazer parte de uma equipe de pesquisa que tentará alargar suas fronteiras, na busca de novos caminhos que auxiliem as empresas a servir melhor seu usuário final, com ergonomia e sustentabilidade, adaptando materiais existentes ao desenvolvimento de novos produtos”.

Os participantes revelaram ainda que, para uma prática desejável, seria importante o reconhecimento do design como centro do desenvolvimento de produtos, o qual, de maneira interdisciplinar coordenaria o processo de design (D3, D4, D6, D7 e D8), ao que D3 inferiu “[...] o designer é sempre o primeiro da fila. Ele é o cara

que começa com todo o desenvolvimento [...] o design eu vejo como o centro de todo o desenvolvimento de um produto, ele está no centro [...]”.

O participante ainda destacou novamente a formação acadêmica como deficitária, no sentido de preparar o designer para tal atuação “[...] e por isso mesmo, o designer tem uma responsabilidade cada vez maior... dentro da indústria. Isso é muito difícil de... é... [pausa] da competência que é... eu volto a insistir nesse ponto, os designers estão muito pouco preparados quando eles saem da escola. A escola ela abrange o assunto design de uma maneira muito superficial, e muito acadêmica vamos dizer assim”.

O destaque insistente por parte do participante, em relação aos aspectos relacionados à formação do designer, sinaliza a necessidade de se olhar para os diversos modos de ação pedagógica por parte dos formadores e das instituições de ensino no que tange ao aprimoramento dessa formação, buscando novas abordagens e soluções de maneira a alinhar-se às demandas da realidade do mercado.

O entrevistado D6 afirmou que tal reconhecimento não ocorre nas montadoras na atualidade, como enunciou: “Normalmente é assim: o presidente estipula uma verba; passa isso pra engenharia; a engenharia usa essa verba e o que sobra ela passa pro design ‘ó sobrou isso aqui e vocês tem que se virar’. E não é assim... tá... eu acho que a consciência de design já tem que partir direto da presidência, e ela distribuir de forma igual essas metas pra que todas as áreas trabalhem em conjunto pra chegar num produto final”.

Também D8 enfatizou a necessidade de um maior reconhecimento para uma prática interdisciplinar mais adequada “[...] então, eu acho que, de repente se, a gente tivesse toda aquela importância que em outros lugares a gente já vê, em outros países tal, talvez a gente fosse levado mais em consideração”.

A atuação do designer envolve o estabelecimento de relações com um amplo espectro de profissões visando a solução de problemas complexos ligados à produção. Assim, sua atuação, de acordo com Ono [12], não deve